

Márjori Mendes¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49525>

TESTEMUNHO DAS PAREDES

Esse texto existe porque Zé, Betina e sua menina moram onde moram e, logo abaixo do seu apartamento, mora também a vizinha, que recentemente financiou a casa própria com o namorado e, como forma de economizar dinheiro, parou de sair tanto por tantas noites seguidas.

Existe porque, desde fevereiro, o prédio preto na esquina da Rua Itambé passou a vivenciar um fenômeno curioso: quando o carro entra na garagem, após às 17, a menina começa a gritar. Gritos altos, altíssimos, tão estridentes que até os morcegos se assustam com a altura dos decibéis e correm para se abrigar em qualquer lugar bem longe dali.

Se parassem às 17:05, 17:10, 17:30 ou se estendessem apenas até às 18, a vizinha já ficaria feliz. Mas com a chegada de Betina, a sinfonia ganha coro. Contralto como poucas, espalha notas agressivas na sala, cozinha, quarto da menina e até mesmo enquanto pendura as roupas no varal. Às 19, religiosamente, pede a Zé que *olhe a menina aqui, Zé*. Às 19:05 é hora de relembrar o quanto *Zé não trabalha e fica o dia todo pendurado no celular*. Às 19:10 ameaça *não amar nunca mais a menina se ela pular da cama outra vez, como pode uma coisa dessas, Zé?* - ao que a criança esgoela ainda mais alto, demonstrando todo o pavor de ser abandonada por aquela a quem espelha a vida. Já são 19:30? Sempre é o momento perfeito para Zé reagir, levantar a bunda mole do sofá e pedir que *não faça isso com a menina, Betina. Ela é criança*. O que rende um bate-bola acalorado até mais ou menos a hora do jornal.

Plim-plim!

Chegou o horário nobre.

Tempo de mostrar que amam muito mesmo o nome um do outro, a ponto de não tirar da boca. *Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina. Vai dar banho nela, Zé. Ela quer tomar banho com você, Betina. É tudo eu nessa casa, Zé. Não fala assim comigo, Betina. A menina me xingou de vagabunda, Zé. Aprendeu com a sua família, Betina. Se fosse para a sua irmã você fazia, Zé. Eu tenho nojo de você, Betina. Eu não aguento mais, Zé. O quarteirão não aguenta mais, Betina. Você apostou com meu dinheiro, Zé. Juro que vou pagar, Betina. Tira essa menina daqui, Zé. Ela é sua filha, quer ficar com você, Betina. Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.*

No apartamento de baixo, a vizinha era testemunha culposa do exaustivo ritual familiar. Na primeira noite, tudo bem – essas coisas acontecem mesmo. Quem nunca tomou parte numa guerrinha doméstica, que jogue a primeira pedra. Mas já eram 103 dias de confusão, que

¹ Mestra em Linguística e graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente cursa a pós-graduação em Escritas Performáticas: Invenção e Procedimentos Artísticos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: marjori.mendes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3921-0299>.

começava às 17 e se estendia madrugada adentro. Depois de horas e horas e ainda mais horas do que seria possível aguentar escutando o binômio *Zé + Betina*, os nomes deixam de fazer sentido. Não se referem mais a duas pessoas que moram em cima do seu apartamento.

São ruídos,
marteladas,
batidas,
p_u_l_s_a_ç_õ_e_s.
Facadas.
A volta do parafuso.

Primeiro ela tentou chamar a polícia, o juizado de menor, os outros vizinhos, o dono do prédio. Chamaram-na de volta: de enxerida, mal-comida, à toa, sapatão. Tentou comprar tampões de ouvido, desses que se usa em práticas de tiro, mas os gritos da menina e as farpas trocadas por *Zé + Betina* atingiram níveis alarmantes – conseguiram quebrar, sozinhos, duas taças de cristal que a vizinha tinha na adega azul que decorava a sala.

Aos poucos seus olhos perderam o foco, os cabelos eram arrancados aos tuhos e a respiração entrecortada denunciava que o corpo havia chegado a um limite. Terminou o namoro e vendeu sua parte na casa recém financiada antes mesmo que ela fosse entregue – temia, mais que tudo, se transformar num binômio também. Desistiu da ideia de ter filhos, não queria nunca traumatizar menina nenhuma, como via a outra ser traumatizada dia após dia, em alto e bom tom. Passou a ter dores de cabeça homéricas, onde via tudo verde-e-rosa, verde-e-rosa, verde-e-rosa. Se fechou em casa, tampou cada fresta das janelas com panos e toalhas, cobriu as paredes com caixas de ovos.

Nada adiantou.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Pega o martelo na caixa de ferramentas que ganhou do pai.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Sente que se não quebrar alguma coisa com aquele martelo, pode morrer.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Abre a porta da sala.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Sobe as escadas.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Para em frente à porta dos vizinhos.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Martela uma, duas, sete, trinta e cinco vezes.

[...]

silêncio.

Pela primeira vez em meses, silêncio.

Quebra a sala toda, dedicando grande parte da sua atenção e ódio aos bibelôs angelicais horrorosos dispostos no móvel da televisão.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Vai entrando pelo corredor e se depara com uma grande foto do binômio vestido para casar.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Se pergunta se toda história de amor termina assim: dois estranhos que se odeiam, amaldiçoando o dia que decidiram viver juntos, descontando num ser que não pediu para nascer a frustração de uma vida intragável.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Olha fundo nos olhos dos dois e diz, lívida:

— **Chega!**

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Dá o maior grito que consegue dar.

— aa!

Ele acorda os vizinhos do prédio, os que não são do prédio, a cidade, o estado, o país, os ETs, as moléculas de Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

Vira as costas e segue em direção ao que sobrou da porta.

Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina.

{...}

Finais possíveis para esta história

Os possíveis finais para esta história descritos abaixo existem porque a autora que vos fala através de mim cresceu assistindo *Você Decide*, não perde a oportunidade de opinar em absolutamente toda e qualquer enquete de *WhatsApp* que chega até ela e, desde que decidiu se abster do vício dopamínico de ter sua opinião constantemente validada pelo conteúdo bolha que recebia em velocidade vertiginosa via redes sociais diversas, não para de se perguntar: quantos finais cabem em uma história?

Assim, achou impossível se contentar com apenas um desfecho para a situação e trouxe logo quatro, que abrem caminho para todas as infinitas possibilidades escondidas por aí. Sinta-se livre para escolher entre um ou vários deles – caso acredite em multiverso. Mas lembre-se: nossas escolhas dizem sobre quem somos.

Final possível um: com OAB e tudo.

Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina.

Antes de sair, deixa na mesinha de centro destroçada o cartão de um advogado de família.

Zé + Betina entendem a quebra-deira como um sinal e decidem se separar. Mudam-se dali, cada um para um canto. A menina vai viver com os avós, de quem gostava mais. A vizinha vira síndica do prédio e passa a ser temida pelos outros vizinhos, que começam a andar dentro de casa com pantufas felpudas e só conversam entre si em sussurros inaudíveis ou através de post-its coloridos espalhados pelos móveis e eletrodomésticos. Mas, mesmo que baixinho, continuam a chamar a vizinha: de enxerida, mal-comida, à toa, sapatão.

Final possível dois: *como nossos pais*.

Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina.

Subitamente, muda de ideia: decide que quebrou foi pouco. Visita os quartos, a cozinha, o banheiro e até mesmo a varanda onde Betina reclamava de Zé enquanto pendurava roupas.

Zé + Betina começam a gritar por ajuda enquanto pilhas e mais pilhas de entulho vão se amontoando aqui, ali, em todo lugar. Unem-se todos: a polícia, o juizado de menor, os outros vizinhos, o dono do prédio. A vizinha é escorraçada, sai dali embalada à vácuo numa camisa de força e apodrece na prisão. Um perigo para a sociedade. Zé + Betina têm a mais absoluta certeza de que estão certos, nunca se separam, criam a filha desse jeitinho até que ela cresce, sai de casa, casa e repete o mesmo ritual diário em seu lar, com seu marido e sua menina, porque assim caminha a humanidade. Quando se lembram da vizinha, ainda a chamam: de enxerida, mal-comida, à toa, sapatão.

Final possível três: *um vegano e um não monogâmico a 80km/h... quem ganha?*

Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina. Zé, Betina.

A um passo de sair pela porta, explode:

— EU.SÓ.QUERIA.AMAR, ZÉ!

EU.SÓ.QUERIA.AMAR, BETINA!

POR QUE VOCÊS FAZEM PARECER TÃO DIFÍCIL EU SÓ QUERER AMAR,
QUERER AMAR, QUERER AMAR?

Zé + Betina se entreolham e percebem que eles, também, só querem amar, querem amar, querem amar. E se amar é somar, nunca subtrair, por que não amar a vizinha também? O trio se olha, como que pela primeira vez. Braços, línguas, troncos, pélvis, arrepios. Orgasmos múltiplos até cinco horas da manhã, em pleno escombros das marteladas. Passam a viver juntos, todos na mesma casa. A menina é criada pelos três e cresce livre, com outras perspectivas sobre o amor. Não gritam mais: só querem saber de amar, amar, amar. O resto do prédio fica escandalizado e não perdem a oportunidade de falar da vizinha, que desvirtuou o casal. Chamam-na: de enxerida, mal-comida, à toa, sapatão.

Final possível quatro: *pick your poison*

Zé, Betina. Zé, Betina, Zé, Betina, Zé, Betina.

{insira o final que você imaginou aqui.²}

Mas quando for falar da vizinha, lembre-se: enxerida, mal-comida, à toa, sapatão.

Data de submissão: 22/07/2025

Data de aceite: 01/09/2025

² {Caso queira compartilhar sua ideia de final, envie um e-mail para testemunhadasparedes@gmail.com}